



GT 50. Gênero, ciência e natureza

Coordenador(es):

Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Fabíola Rohden (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 1

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Daniela Tonelli Manica (Unicamp)

Tradicionalmente, a oposição Natureza X Cultura pressupunha a ideia de uma seara própria da Natureza, em oposição às produções vindas da sociedade, aí incluídas a ciência e a tecnologia. A “volta” à natureza seria também o afastamento da tecnociência. Assiste-se atualmente a uma curiosa bricolagem, que articula o alto valor atribuído à Natureza com a atribuição de um valor igualmente elevado ao discurso científico e à biotecnologia. No escopo desse embricamento, a concepção de um corpo natural não se opõe à possibilidade de treinamento e/ou transformação biotecnológica. Ao contrário, o discurso acerca de um corpo natural (pré-social, biologicamente pré-dado) se acopla ao discurso das evidências científicas, a Natureza sendo vista como passível de aprimoramento. A proposta do GT é acolher discussões que englobem novas configurações ideológicas e novas construções corporais que tratem da articulação entre gênero, ciência e natureza, colocando como possibilidades: tecnologias e adestramento em experiências de gestação e parto; hormônios como agentes na construção do gênero; transformações corporais via recursos cirúrgicos e farmacológicos; reconfigurações da natureza no campo das biotecnologias.

Medicina trans e nutrição, risco e individualidade hormonal: uma etnografia da administração trans de testosterona sintética e natural

Autoria: Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego (FACISA UFRN)

Este work objetiva compreender ideias e práticas de hormonização entre homens transexuais. Quase sempre distantes de serviços de saúde específicos de supervisão para a transição de gênero, ou com o seu acesso precarizado, sujeitos que vivenciam processos de mudança social de gênero estabelecem práticas alternativas para chegar aos caracteres sexuais secundários e "fazer emergir o masculino" molecularmente. Para tanto, não se restringem à administração de testosterona sintética, mas constroem uma forma de nutrição que atenta aos alimentos vistos como propícios para o aumento da testosterona e diminuição de estrogênio ?naturalmente? através de, por exemplo, ingestão intensificada de vegetais crucíferos e proteínas e a evitação de produtos à base de soja. A essas duas práticas gerais, no campo do sintético e do natural, pode ser unido práticas esportivas como a musculação que reforça e consolida o corpo masculino e conclui a transição. Pretendo, com esse artigo, analisar etnograficamente tais práticas que negociam e rejeitam saberes e disposições biomédicas e biotecnológicas para a produção ?natural? e, crescentemente, ?saúdável? de um corpo para o qual se transita, que lida/produz riscos e reaprendizados num cotidiano perpassado por saberes e práticas biomédicas. Isso permitirá refletir sobre como processos de biomedicalização produzem sujeitos e como tais se tornam resilientes diante de concepções de naturalidade e aperfeiçoamento dentro de um escopo que imagina uma individualização hormonal que irá, somaticamente, determinar a resposta de cada um às mudanças produzidas por tais práticas de hormonização. Baseia-se em duas pesquisas realizadas



em Natal, RN, e em Fortaleza, CE, entre 2014 e 2015, e entre 2016 e 2019 respectivamente, totalizando quase 5 anos de campo realizado para a formação de mestrado e doutorado em antropologia social. Entrevistas em profundidade foram também feitas com um total de 37 homens trans, 17 médicos e 14 funcionários públicos e ativistas LGBT, mas o texto se baseia primordialmente em observações a partir da etnografia em espaços de ativismo sociopolítico trans, visitas domiciliares, clínicas de atenção primária, hospitais, abrigos, organizações não-governamentais, administração da burocracia estatal e políticas públicas de atendimento social voltados para pessoas LGBT e/ou trans.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: